

# Alice Vieira

diz que

## o som das palavras nos leva ao sonho e à magia

Quando era ainda muito pequena, a Alice Vieira decidiu que queria ser jornalista porque era uma profissão que a obrigava a estar pouco em casa. Mas foi em casa, inventando uma história com a ajuda dos filhos, que descobriu a sua segunda profissão, aquela que mantém há mais de trinta anos...

Cresceu em casa de uns tios avós, e estudou em casa até muito tarde. O que é que fazia, em criança, para se divertir e brincar?

Essa infância, que não foi muito boa, deu-me grandes possibilidades de nunca me sentir só. Aprendi isso na minha infância: como é que uma criança pode não se sentir só. Tem imensas maneiras. Eu lia muito (lia todos os livros que encontrava lá por casa: bons, maus e assim-assim), ia escrevendo histórias para mim e punha-me diante de um espelho a ler as histórias que escrevia para mim... Acho que isso me enchia os dias. Repare-se que era um tempo em que não havia televisão e a rádio era outra coisa. Juntávamo-nos muito à volta da rádio, como se ela fosse uma lareira. Lembro-me de ouvir os chamados «folhetins», que eram histórias que naquela altura havia na

rádio, e isso também era uma maneira de exercitar a imaginação e de sonhar com aquelas personagens. Lembro-me de ouvir um livro do Alexandre Herculano na rádio, *Eurico, o Presbítero*, que me fazia muito medo de noite porque a Carmen Dolores – que é uma grande atriz e fazia aquilo muito bem –



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

gritava muito; assustava-me muito, mas gostava de me assustar com aquilo. Penso que conseguimos, por nós, arranjar maneira de nos divertirmos, de sobrevivermos, de pensar que o dia seguinte vai ser melhor... Acho que consegui isso.

### Como foi deixar de estudar sozinha e entrar no liceu aos dez anos?

Foi ótimo. Quando entrei no liceu Filipa de Lencastre, no primeiro dia de aulas, pensei «Daqui não saio!» As minhas tias tinham aquela ideia de que, como nunca tinha estudado com outras crianças ou estado numa escola, não ia gostar e queria voltar para casa. Foi exatamente o contrário: até inventava aulas que não tinha para estar mais horas na escola. Estive sete anos no Filipa de Lencastre e aquele liceu foi a minha casa, aquelas professoras e empregadas foram a minha família (ia aos casamentos das empregadas todas...). Até há dois ou três anos ainda me dava com uma das velhas professoras – até ela morrer –, escrevia-lhe, dávamo-nos muito. Tive sempre uma grande ligação ao liceu, de maneira que uma das coisas de que gostei muito foi quando, este ano, o liceu Filipa de Lencastre deu o meu nome à sala, à minha sala (naquela altura tínhamos sempre uma sala, não andávamos a mudar de mochila às costas – também não havia mochilas naquela altura...). Ver o meu nome na sala foi uma coisa de que gostei muito, porque realmente aquela foi a minha casa.

### Nessa altura já queria ser jornalista? Que profissões queria ter?

Já; sempre quis ser jornalista. Era muito pequenina, nem sabia o que era ser jornalista, mas tinha uma ideia que um jornalista nunca estava em casa. Se havia uma profissão em que podia nunca estar em casa, era essa a profissão que queria. Sempre disse que queria ser jornalista, comecei muito cedo e deu bem. Nunca quis ser escritora.

### Porque decidiu escrever para jovens? Não lhe interessava fazer livros para adultos?

Escrevi muito por acaso. Escrevi porque os meus filhos me pediram uma história para eles. Eles tinham 9 ou 10 anos nessa altura – isto foi em 1979 – e pediam muitas vezes. Eu não gosto muito de ouvir as pessoas sempre a pedir coisas, a queixar-se, e eles queixavam-se que eu nunca estava em casa, que chegava muito tarde para sair muito cedo (aquelas queixas que todos os filhos de jornalistas têm). Um dia aproveitei o facto de estar de férias e eles também, e disse: «Acabou-se! Querem uma história, então vamo-nos sentar aqui à mesa.» Eles iam contando coisas que se passavam na escola, eu ia contando coisas que se passavam cá em casa e a história estava feita – foi a *Rosa, Minha Irmã Rosa*. Foi mesmo por acaso, nunca pensei em continuar a carreira. Só que quando o *Rosa, Minha Irmã Rosa* ganhou um prémio e foi publicado vendeu-se muito, e o editor pediu-me logo para escrever outro livro, para aproveitar. Escrevi outro, depois mais outro e mais outro e, pronto, nunca mais acabei. Mas não era nada ideia que tinha de ter outra profissão.

### E quando escreveu *Rosa, Minha Irmã Rosa* os seus filhos ajudaram-na?

Ajudaram-me muito. Eles ainda hoje dizem – e se calhar estão cheios de razão – que o nome deles também devia ter vindo na capa, porque me ajudaram muito. Tanto assim, que há um capítulo da *Rosa, Minha Irmã Rosa* em que aparece um problema de matemática. Era o problema que estava nesse dia no caderno do meu filho. Fizemos o problema e pusemo-lo na história. Muito daquilo é ajuda deles;

.....

aquela escola de que falo no livro é muito a escola deles. Só ouvi-os falar já era uma grande ajuda e foram realmente uma grande ajuda, que nunca mais me voltaram a dar.

### **Gosta mais de escrever livros mais sérios e para adolescentes, ou livros com brincadeiras, para crianças, como *A Charada da Bicharada*?**

Gosto muito de escrever, ponto final. Mesmo quando se escreve um livro muito sério, pode-se contar tudo de uma maneira não tão séria. Dá-me muito mais trabalho escrever para mais pequeninos, isso dá, porque quando estou a escrever para adolescentes ou adultos sou muito egoísta e estou a escrever para mim. Ou seja, não penso na idade do leitor; não estou a pensar se percebe esta palavra, se não percebe, se tenho de a mudar porque não a entende... Se estou a escrever para os muito pequeninos, como acontece com *A Charada da Bicharada* e com os livros com cheiro, é muito diferente. Tem de haver uma grande preocupação com a idade que eles têm, sobretudo no caso dos livros com cheiro, pois trabalho com um grupo de professoras da Texto (editora) que me dá, para cada livro, uma lista de assuntos que tenho de abordar. Portanto, cada historiazinha daquelas, para além de contar uma história que, espero, seja engraçada, tem mais alguma coisa – ou fala de adjetivos, graus de adjetivos, maneiras diferentes de dizer a mesma palavra... Para além da história tem de ter também essa outra vertente, pelo que demoro muito mais tempo, é muito mais difícil (até porque escrever pouco é sempre mais complicado que escrever muito).

### **Falando nos livros com cheiro, se tivesse de escolher um dos cinco sentidos como preferido, qual escolheria?**

Não sei, porque acho que os cinco sentidos são todos importantes. É evidente que, a ter de escolher um, escolhia a vista com certeza, mas aqui há dias passei quase uma semana sem paladar e foi horrroso...

### **Já escreve há mais de 30 anos; nunca sentiu vontade de mudar de profissão?**

Todos os dias. E todos os dias antes de me sentar ao computador penso «Ai, porque é que tenho esta profissão?» Não tenho outra, mas isso é só o que dizemos da boca para fora. Mudar de profissão, não; aquilo que me apetecia era talvez abrandar um bocadinho. Estou a trabalhar muito mais do que trabalhava quando era nova, tenho seis editoras com que trabalho e é complicado entregar um livro a esta, depois outro àquela... Para além das idas a escolas e de tudo o que faço. Gostava de abrandar e acalmar um bocadinho; adorava que me dissessem «Tens três meses para escrever um livro» – era uma mulher feliz. Mas parar não!

### **Que importância têm para si as palavras?**

São fundamentais. As palavras levam-nos a descobrir outras... Muitas vezes nem sabemos exatamente o sentido delas, mas o som das palavras leva-nos a um universo completamente diferente, leva-nos ao sonho, à magia. Lembro-me de ser muito pequenina e de não saber o significado de muitas palavras que lia, mas achava que eram palavras que tinham sons extraordinários, e era capaz de estar diante do espelho a repetir aquilo. Quando era muito pequenina, por exemplo, lembro-me de ter lido um livro do Erico Veríssimo, que é um dos autores da minha vida e foi um dos autores da minha infância (tenho a fotografia dele na minha frente, ao pé do computador, para me inspirar). Li um livro dele

.....

que era uma história do Brasil contada às crianças. Para já, não era brasileira e a história era contada a crianças um bocadinho mais velhas que eu. Começava com um índio que estava na praia na altura em que as caravelas de Pedro Álvares Cabral chegavam, e é esse índio que conta a história toda do Brasil desde essa altura até à atualidade. É muito bem feito, é muito difícil para quem é pequenino e chama-se *As Aventuras de Tibicuera* (Tibicuera é o nome do índio). Lembro-me de estar diante de um espelho exatamente a repetir a frase com que o livro começava sem perceber uma palavra. Ele está a contar a sua história e na primeira frase diz: «Nasci na taba de uma tribo tupinambá.» Há mais de sessenta anos ninguém sabia o que era uma telenovela; eu não sabia o que era «taba», «tribo» não sei se sabia, «tupinambá» passava-me de todo... Mas dizia aquilo e repetia e lembro-me que quando chegava ao fim da frase, quando dizia «tupinambá», caía para o chão porque achava que devia cair. Não sabia o que era aquilo e não me fazia diferença nenhuma; nunca me lembrei de perguntar o que é que aquilo era (mais tarde percebi). Não era o significado, era o som das palavras. Acho que o som das palavras, a voz (que é um instrumento extraordinário que temos e usamos pouco) e ler alto é extraordinário. Usar a voz é um privilégio, usá-la nestas palavras e nas palavras que têm magia; é a magia desses sons que nos leva a gostar de ler e dos livros. Acho que é fundamental. ■